

O real como impossível de dizer*

MARIE-HÉLÈNE BLANCARD

“Você não quer saber nada sobre o destino que o inconsciente lhe reserva?”, pergunta Lacan. Esta frase, endereçada a cada um, considerei que me dizia respeito, que me concernia intimamente. Qualquer que seja a dificuldade, fiz a escolha de querer saber algo a respeito, de extrair dali o saber não-sabido, de apreender os pontos de tropeço e os impasses, de transformar o inconsciente em saber... até certo ponto, e mesmo até o fim. É aí que insiste a questão do real.

A invenção do real

Durante seu ensino, Lacan deslocou o acento que havia colocado sobre o sintoma como mensagem para o sintoma como gozo. Há, no sintoma, uma parte pulsional que se satisfaz de modo fechado, pelo fato de satisfazer à repetição. Freud já destacava a exigência pulsional presente no sintoma. “O sujeito é feliz”, insiste Lacan em “Televisão”. O último ensino de Lacan introduziu, com o *sinthoma*, uma nova versão do sintoma incluindo o gozo da fantasia. Lacan inventou o nó borromeano a partir do momento em que fez incidir o acento sobre o gozo do inconsciente como fora do sentido. No capítulo 9 do *Seminário: O sinthoma*, ele retoma a diferença freudiana entre rememoração e reminiscência. Há no inconsciente coisas que se imprimem e outras que deixam um furo, um ‘branco’ no texto, e que podem apenas ser ‘imaginadas’ de maneira a ‘ter uma ideia do que são’. Será que é possível ter uma ideia do real? Trata-se aqui de um

forçamento, de "um novo tipo de ideia" que não é exatamente uma ideia.

"O inconsciente é inteiramente redutível a um saber", sustenta Lacan nesse momento¹. Isto supõe um saber articulado, exigindo no mínimo dois suportes: S_1 e S_2 . Mas o que cava a distância com relação a Freud é "a invenção do real". O real se impôs a ele em resposta à elucubração freudiana, e o nó surgiu como uma figuração da exigência do elemento real para manter juntos dois elementos tão heterogêneos como o simbólico e o imaginário. Se ele evoca que sua invenção do real é 'traumática', é porque se trata de um elemento impossível de simbolizar, que não pode entrar em outra cadeia senão a borromeana, própria a figurar o de que se trata utilizando não mais dois, mas 'três' elementos. Esses três elementos encadeados constituem uma metáfora da cadeia. Essa escrita visa, portanto, fazer o real entrar em algo que se encadeia. Deste modo, "a rememoração é fazer essas cadeias entrarem em algo que já está lá e que se nomeia como saber".

A partir da solução borromeana, Lacan deixou aberta a questão do real do inconsciente. Com sua invenção, ele nos deixou a tarefa de produzir um saber a respeito: 'Como cingir [serrar] o real no passe? Como designá-lo, cerni-lo, sem o nomear? Como podemos inscrever o que não se escreve, e o que não cessa?'

Um "novo silêncio"

Reli o que Eric Laurent escrevia na conclusão de seu artigo "Isto a que a psicanálise serve (cinge)"²: "A própria problemática da circunscrição (*serrage*) supõe a dimensão do que só pode se aproximar nas entrelinhas, em ressonância, que não poderia nem ser dito nem nomeado, e que no entanto só se efetua com significante: eu só alcanço o parceiro sintoma com a pulsão parcial, na medida em que o viso por meio do significante que lhe endereço."

Esse artigo me remeteu a um texto intitulado "O impossível de dizer"³, no qual Eric Laurent evoca um "novo silêncio". Se o inconsciente inscreve termos sobre os quais não há nada de dizível, é inútil pensar em absorvê-lo pela interpretação. O ato analítico afronta, portanto, esse "novo silêncio", aquele que se produz após a queda do sujeito suposto saber, em relação ao que não se pode dizer, e que no entanto está no cerne de tudo o que se pode dizer. O ato consiste, em resposta ao inconsciente, a validar, a designar o lugar do não-dizível no dizer. Trata-se de elevar o indizível ao dizer silencioso. Isto faz do fim da experiência uma "'mostração' atual do que não se pode dizer".

Em meu testemunho, pincei o sintoma que consistia em "calar-me", através da expressão "muda como uma tumba", pelo fato de encarnar, através de meu silêncio, o não-dito de minha mãe, o segredo de meu nascimento. Também evoquei a diferença que Lacan estabelece entre *tacere* e *silere*, o "novo silêncio" que convém ao ato analítico. Esse distanciamento supõe o esvaziamento do gozo pulsional: aqui, o gozo autoerótico da pulsão oral que se fechava sobre si mesma, "bico calado", e que vinha obturar o lugar do sujeito. Eu havia sublinhado o sintoma como um impedimento a tomar a palavra, que fazia par com meu gosto pela escrita, eu ainda não havia mensurado o gozo que estava em jogo ali no lugar do sujeito da enunciação.

A voz, disse eu, era sacrificada ao deus obscuro, até esse sonho qualificado como "liberador": *O aquário transparente no qual eu me mantinha, objeto dos olhares, se transformara em um vasto auditório que me permitia apreciar a música das palavras e o murmúrio da língua... Eu era toda ouvido.*

Esse "aquário" reconduzia ao primeiro plano a cena traumática que me devastara. Sobre um banco recostado ao Aquário do Trocadero, na hora do lanche, minha avó me

dissera que minha mãe, quando me esperava, havia atravessado tal desamparo que quis, certa vez, "jogar-se ao Sena". Era ela quem a havia segurado e me salvara: eu lhe devia a vida. Para além do desespero materno que me fora brutalmente revelado, jogar-se ao Sena era também 'jogar-me à água', para acabar com tudo. Eu havia imaginado o que não acontecera e senti meu corpo inteiro se liquefazer, como se a substância viva fosse aspirada para dentro do aquário. Eu havia sido submergida pelas lágrimas.

A cena em que, adolescente, eu questionara minha mãe, no restaurante chinês, acerca de sua história com meu pai, não fazia senão retornar a esse acontecimento, permanecido em espera, sem poder ser objeto de nenhuma elaboração. Eu queria que ela colocasse palavras ali, suas próprias palavras, mas isto foi inútil. Sua dor me havia aspirado completamente. O desvanecimento não fez senão destacar esse 'branco', esse apagamento do sujeito tragado pelo acontecimento de corpo.

Acontecimento de corpo e letra de gozo

Supõe-se que travessia da fantasia desenlaça a questão do ser. Mas, conforme destacou J.-A. Miller⁴, "O último ensino de Lacan tem uma bússola diferente da do sintoma, a qual se inaugura com esta jaculação 'Há um'. O sintoma é a resposta da existência do Um que é o sujeito".

Trata-se aí de outro saber, que se define unicamente como a iteração de S_1 e que constitui o fundamento da existência do sujeito. Lacan nos convida a pensar o inconsciente "como o que consiste em um significante que pode se inscrever por uma letra".

Retorno, então, ao sonho que marcou o fim de minha análise. Ali, não havia mais voz em *off*; a voz que se faz ouvir é aquela do sujeito novo, produzido pela experiência. Roupa suja se lava em família, como o sabão OMO, que lava mais branco que o branco. O que eu comentava deste modo:

"Não basta considerar OMO (na palavra⁵), é preciso tomar o gozo ao pé da letra." Então, os dois 'O' se barram, escrita do conjunto vazio, enquanto o 'M' se transforma em punção que articula o vazio do sujeito com o nada do objeto."

Esse sonho precipitou minha saída da análise. Não me demorei a interpretá-lo, ele se bastava. Por esse ato, surpreendi o analista e eu mesma me surpreendi. Nada mais de hesitação ou dúvida, mas uma certeza. No procedimento de passe, e desde minha nomeação, tenho feito dele diversas leituras, uma delas incidindo sobre a letra 'M', que se ouve: "amo"⁶, imperativo de gozo ligado à devastação do amor.

Agora farei ressoar a letra 'O', que se escreve como um zero e se ouve como o elemento líquido "eau" [água]. Lembro-me de um sonho em que eu tentava aplicar um matema de Lacan à fórmula química da água, H₂O, sem conseguir. Eu devolvia uma folha em branco e, no lugar de meu nome, certa mão anônima traçava com tinta vermelha um zero sublinhado com um traço. A angústia me acordava.

A escrita do sonho conclusivo atesta um esvaziamento de 'gozo-sentido' que estabelece um além do sentido, um para além do ser que se situa do lado da existência. Estamos nessa zona de ultra-passe na qual, para além do des-ser, há o acontecimento de corpo. A letra 'O', duas vezes presente, inscreve estas duas modalidades do sujeito, que são o ser e a existência. Esse sonho mostra que o impossível de dizer é duplo:

Há, em primeiro lugar, um limite à decifração, um ponto de tropeço, um osso. "Shhhh!" vem marcar esse limite, como marca significante que repercute no corpo e visa reduzir o sujeito ao silêncio. "Shhhh!" implica um Outro que ordena e um sujeito que obedece, sacrificando-lhe o objeto voz. Isto faz do sujeito objeto calado e do corpo objeto caído. *Motus*.

Por fim, há o que 'ex-siste' ao significante, o Um do gozo, que repete sem quê nem porquê. É uma invariante que se opõe à verdade variável e às significações do ser suportadas pelo desejo. Somente aí reside o sintoma como acontecimento de corpo, reduzido ao Um sem Outro e remetendo ao um acontecimento traumático não simbolizável, que funda a existência do sujeito.

Esse Um resulta de um encontro singular com o gozo, que eu localizaria precisamente nesta frase dita sobre minha mãe: "ela queria se jogar no Sena", ouvida como "jogar-me à água, me afogar". O choque desse significante sobre o corpo teve naquele momento um efeito liquidificante, como se o corpo tivesse sido engolido, dissolvido. A imagem de um filme de Vadim⁷ extraída do romance de Zola, "La curée", ficou na minha memória. Uma mulher com o coração partido se deixava afundar na água antes de decidir, subitamente, com um pontapé, voltar à superfície. Fiz algo parecido nos momentos difíceis de minha vida: eu precisava chegar ao fundo para poder me reerguer, e havia nesses momentos um gozo de 'afogar-se em lágrimas'. Curiosamente, quando pequena, a cada vez que chorava minha mãe bebia minhas lágrimas para me consolar. Sem dúvida, isto era para mim um signo de amor, pois imediatamente eu começava a rir. Era, de certo modo, o avesso da cena traumática, uma resposta, fora da linguagem, à demanda de amor.

História de O...

Por ocasião da Conversação dos AE em Athenas, evoquei espontaneamente 'o corpo alarmado'. Esta expressão pinça com precisão o que fica do traumatismo, no exato ponto em que o real afetou o corpo da menininha que eu era. Essa relação particular com as lágrimas, eu a reencontro - retrospectivamente - em meu primeiro desvanecimento alguns anos mais tarde, por ocasião da procissão da Sexta-feira

Santa na Catalunha, na qual penitentes encapuzados de preto ou de branco seguravam em seus ombros uma estátua da Madona que 'chorava lágrimas de cristal'.

Na realidade, assim como para a Virgem Negra de Sevilha, a célebre Macarena, não se trata de lágrimas no plural, mas 'apenas uma lágrima de cristal' que escorre em sua bochecha. Uma lágrima que lhe confere seu estatuto de '*Mater dolorosa*'. Essa marca da lágrima está para além da tristeza, ela não veicula mais afeto. Ela é aquela de um real que se repete e do qual o corpo mantém definitivamente o rastro, mesmo que eu seja 'uma gluttona de vida'.

Para retomar os termos de Freud caros a Lacan, trata-se de uma 'reminiscência' que se tornou 'rememoração'. Um modo de circunscrever o real indizível por meio da invenção de uma escritura que joga com o deslizamento entre o número zero e a letra 'O', o vazio, o furo e a reta infinita.

"Feliz aquele que, como Ulisses, fez uma bela viagem", era a metáfora que fazia de meu percurso analítico uma Odisseia singular. Finalmente, minha Odisseia era uma *História de O*⁸.

Tradução: Teresinha N. M. Prado.

* "Le réel comme impossible à dire". Texto apresentado na Noite dos AE de 04 de junho de 2013: "Serrer le réel".

¹ Lacan, J. (2007[1975-76]). O Seminário, livro 23: O sinthoma. Rio de Janeiro: Zahar, p. 127.

² Laurent, E. (mai-2001). "Ce que sert (serre) La psychanalyse". *La Cause freudienne*, (48):37-53.

³ N. T. A autora refere o n° 86/87 de Quarto, mas só conseguimos localizar um texto de título semelhante na seguinte referência: Laurent, Eric. (11/1992). "Le traitement de l'impossible à dire". *Quarto*, (48/49): 79-81.

⁴ Miller, J.-A. [2010-11]. "O ser e o Um". Curso inédito, aula de 04 de maio de 2011.

⁵ N.T. No original: "au mot".

⁶ N.T. No original: "aime", em homofonia com 'M'.

⁷ N.T. Vadim, R. (1966). *La curée*. Divulgado no Brasil como: *O perigoso jogo do amor*.

⁸ N.T. A *História de O* é um clássico da literatura erótica, escrito por Anne Desclos sob o pseudônimo Pauline Réage e publicado na França em 1954.